

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écaillés*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Netes: Pesquisar *com* o outro.

Conferência de Abertura Colóquio Entre_Netes: Pesquisar *com* o outro

Controvérsias: pesquisa com não-humanos

Parte I: Do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio". Os *cratéropes écaillés*¹

Opening Conference Colloquium Among_Netes: Research *with* the other

Controversies: research with nonhuman

Part I: From the balance place to the "thinking in the middle". The *cratéropes écaillés*

Vinciane Despret²

Resumo

Nesta conferência, trazendo principalmente exemplos da Etologia, a pesquisadora Vinciane Despret faz considerações sobre a maneira como os pesquisadores lançam seus olhares para o campo pesquisado, mostrando como podemos entender a construção de suas teorias num espaço de equilíbrio que nos convinda a contar a história de seu acontecimento. Aborda alguns estudos conduzidos com animais e experimentos clássicos desenvolvidos no campo da Psicologia, problematizando as práticas científicas.

Palavras-chave: Teoria Etológica; Experimento de Rosenthal; Práticas científicas.

Abstract

In this conference, bringing mainly examples from Ethology, researcher Vinciane Despret focuses on how the researchers cast their eyes to the field of research, showing how we can understand the construction of their theories in a balance space which invites us to tell the story of how it happens. The author approaches some studies conducted with animals and classical experiments developed in the field of Psychology, questioning the scientific practices.

Keywords: Ethological Theory; Rosenthal's Experiment; Scientific Practices.

¹ **Tradução:** Alexandra Tsallis, Ângela Carneiro, Carlos Alberto Marconi da Costa, Ronald J. J. Arendt, Vera Schroeder, Dener Luiz da Silva, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo, Rodolfo Luiz Leite Batista. **Revisão Técnica:** Alexandra Tsallis e Marcelo Nuñez Viegas.

² Filósofa, Psicóloga, Etóloga. Doutora em Filosofia e Letras. Departamento de Filosofia. Universidade de Liège, Bélgica. Endereço para correspondência: Place du 20-Août, 7, 4000. Liège, Belgique. Endereço eletrônico: v.despret@ulg.ac.be

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Redes: Pesquisar *com* o outro.

Há 60 anos, Bertrand Russell escreveu, não sem humor, em *Minhas ideias filosóficas*, que os animais, aparentemente, *sempre se conduzem de forma a provar a justeza da filosofia do homem que os observa*. (...) *No século XVIII, os animais eram ferozes, mas sob a influência de Rousseau, começaram a ilustrar o culto do Bom Selvagem no qual o Pavão zomba do Orangotango. Durante o reinado da rainha Vitória, os símios eram monogâmicos virtuosos, mas durante os anos 20, seus costumes se deterioraram de maneira desastrosa* (...). Quanto às teorias de aprendizagem fundadas na observação de animais, não podemos deixar de nos surpreender que enquanto *os animais observados pelos americanos agiam freneticamente até chegar por acaso a uma solução, os animais observados pelos alemães ficavam tranquilamente sentados coçando a cabeça até elaborarem uma solução em seus foros íntimos*.

Cada vez que surge uma teoria etológica, podemos colocar a questão nos mesmos termos propostos por Russell: podemos considerar, numa perspectiva crítica e construtivista, que encontramos os vínculos entre o que se observa nos animais – o que parece importante aos olhos do observador, o que faz sentido para ele, os fatos que ele seleciona –, a teoria que integra as observações e o contexto social, cultural e econômico no qual o discurso explicativo toma seu lugar.

Foi assim que, quando eu encontrei o cratérope *écaille* nos textos dos artigos do etólogo israelense Amotz Zahavi, eu decidi que seria a minha vez de expor, à etologia, a questão russelliana. No primeiro artigo, em que relato ter conhecido o cratérope e seu extraordinário observador, descrevia uma ave extraordinária que tinha inventado, de acordo com Zahavi, modos extremamente complexos de gestão de conflitos (Zahavi, 1990). Primeiro, o cratérope dança, em grupo, ao nascer ou ao pôr do sol, formando, com os membros de seu grupo, uma linha ou um círculo fechado. Dentro desta formação em movimento, as aves saltam umas sobre as outras para se inserirem, o máximo possível, no centro do círculo. Os cratéropes, assim como os mamíferos, brincam e se divertem perseguindo-se uns aos outros, saltando para tomar o lugar ocupado por outro. Os cratéropes se fazem presentes, mas de uma maneira particular. Assim, se um dominado apresenta uma oferta para um dominante, este irá agredir o doador. A cena será semelhante se um dominado propõe ao dominador de substituí-lo no seu papel de sentinela. Inversamente, quando um dominado interfere no acasalamento do dominante, a resposta se limitará a um pequeno assobio de

repreensão, e não é raro ver o dominante que foi impedido limpar aquele que lhe interrompeu.

Os cratéropes apresentam numerosos comportamentos chamados altruístas – eles se ajudam nos combates, alimentam as ninhadas de outros membros do grupo, protegem-se mutuamente, etc. – e, também, apresentam, na maioria das vezes, esta assimetria particular. Isto leva Zahavi a pensar que o altruísmo corresponde a um tipo de privilégio no contexto da gestão de conflitos. A relação entre o altruísmo-privilégio e os modos singulares de gestão de conflitos fica explícita na teoria original: a teoria da deficiência. Esta teoria é muito simples de se compreender: no centro do grupo, cada indivíduo é confrontado com um dilema. Ele deve tentar ocupar o melhor lugar na hierarquia, o que lhe dará um acesso prioritário aos recursos e às fêmeas. Para fazer isso, ele deve entrar em competição. Ao mesmo tempo, ele precisa de outros membros do grupo, porque sozinho, ele não pode defender seu território contra os outros grupos de cratéropes. Em outras palavras, de um lado, ele deve entrar em competição e não deixar nenhuma chance aos congêneres; por outro, ele depende totalmente da sobrevivência e até mesmo da saúde destes.

Nesta perspectiva, o conflito "armado" representa a pior das soluções. Além disso, o cratérope criou outras formas de gestão de conflitos: ele comunica aos outros suas reivindicações de superioridade mostrando sua força, mostrando "que ele tem seus meios" e esta exibição substitui a escalada sangrenta por uma promessa mais benéfica para cada um, assegurando um modo de reciprocidade direta bastante particular, próxima ao mutualismo³.

Na perspectiva proposta por Russell, seria preciso me voltar para o etólogo para tentar compreender a maneira como foram efetuados os processos de atribuição da subjetividade, as crenças e as expectativas do pesquisador. Nesse sentido, deve-se mirar o dedo do etólogo que designa o comportamento, que o seleciona, que decide ser ele mesmo o único que vai fazer história. Voltar, então, os olhos para o dedo do etólogo israelita Zahavi Amotz designando "sua" ave fabulosa – o cratérope *écaillé* – me permitiria decidir qual deles, o cratérope e o etólogo que o observa, havia conseguido transformar uma ave, provavelmente tão comum quanto a maioria das aves, em um tipo de símio voador, com comportamentos bastante complexos, necessitando de teorias igualmente

³ O mutualismo designa a situação na qual cada parceiro é imediatamente beneficiado a partir da relação.

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Redes: Pesquisar *com* o outro.

importantes. Olhar o dedo de Zahavi deveria me ensinar, me mostrar, como uma teoria singular, advinda de um etólogo um tanto estranho, inventivo ou delirante, havia transformado a vida de um pássaro em uma verdadeira epopeia. Olhar o dedo de Zahavi deveria, então, me mostrar como se contam as histórias que criam os pássaros mágicos, os primatas voadores.

Na perspectiva crítica adotada, podemos inicialmente tentar elucidar as razões que levaram Zahavi a adotar uma nova história para fazer existir seus *cratéropes*. A história da seleção de grupo, por exemplo, (Wynne Edwards, 1962, 1963; Lorenz 1969) não seria o caso, já que explica que as aves são altruístas porque os grupos de aves altruístas possuem mais chances de sobrevivência do que os egoístas e, portanto, os suplantam? De acordo com Zahavi, a experiência de fracasso dos *kibutzim* nos mostra muito claramente que a teoria de seleção de grupo não "funciona". O parasitismo lá se instalou e provoca a desmotivação dos membros, mesmo os mais ativos. Anteriormente, ele diz, o mundo era pequeno e o prestígio conquistado com os próximos era o suficiente para garantir a participação de cada um nos interesses coletivos. O mundo cresceu e o prestígio local não traz mais a atração suficiente para inibir as tentações egoístas.

Zahavi poderia muito bem ter contado a história dos *cratéropes* utilizando as ferramentas da teoria sociobiológica da seleção de parentesco (por exemplo Wilson, 1975), também destinada a resolver o paradoxo do altruísmo. De acordo com esta teoria, lembremo-nos, o altruísmo é determinado por um gene. No entanto, os comportamentos de apoio mútuo são favoráveis à sobrevivência do outro, mas, suspeita-se, não daquele que os emite. O problema a ser resolvido é saber como o material genético contendo um programa de altruísmo pode manter-se na população se aquele que possui este programa não se reproduz, já que se encontra totalmente ocupado em velar pelos outros. A sociobiologia se propõe a resolver o paradoxo afirmando que os altruístas ajudam preferencialmente os parentes, ou seja, aqueles que certamente possuem o programa altruísta (pois eles têm uma elevada probabilidade de terem o mesmo programa daquele que os ajuda). Os beneficiários do altruísmo se reproduzem e, com isso, mantêm o programa altruísta na população.

Se os argumentos de Zahavi contra a sociobiologia são argumentos relativamente simples e comuns nesta área – de início, os *cratéropes* não parecem ajudar preferencialmente os parentes; em seguida, eles não dão a impressão de serem guiados por um programa constituído por invariantes, mas sim criam respostas em função das informações

coletadas – os que ele utiliza para refutar a teoria de seleção de grupo são bastante incomuns. Eles o são na medida em que o autor, de algum modo, antecipa uma crítica externalista – e corta o mal pela raiz – vinculando seus "fatos" e o contexto sociocultural em que estes fatos são analisados.

Paralelamente às razões para não aceitar as antigas ficções para contar as histórias de seus *cratéropes*, Zahavi recolhe uma série de índices que constituem a trama de sua nova história. Assim, a assimetria dos presentes e o fato de eles serem precedidos por uma pequena *vibração* característica, destinada a chamar a atenção dos outros, ganha um significado muito particular. Estas pequenas diferenças nas configurações comportamentais, vale lembrar, são encontradas em outros lugares, especialmente na substituição da sentinela, no apoio ao ninho, na colaboração ao combate. Esses "detalhes" levam Zahavi a se tornar cada vez mais atento às pequenas diferenças daquilo que parece similar à primeira vista: diferenças na forma da oferta, diferenças no interior dos rituais, etc. De acordo com a teoria da deficiência, estes gestos não têm apenas uma função comunicativa, mas eles parecem, no jogo sutil das variações, no interior das similitudes, preencher uma função metacomunicativa, já que eles definem a relação – caracterizando o status social do emissor. Eles definem a relação no sentido mais performativo do termo: como gestos de exibição performática, os gestos altruístas podem não apenas esclarecer como é a relação, mas podem, ao mesmo tempo, produzir sua mudança e lhe dar um outro devir: assim, "fazer uma oferta" pode indicar quem é o dominante, mas pode também, quando a linha entre duas aves é próxima, *designar* o dominante.

Voltemos às condições de possibilidade para uma análise crítica da ciência e à entrada no discurso das ficções de Zahavi. Em outras palavras: como colocar aqui a questão de Russell? Uma análise epistemológica poderia levar em conta aquilo que está fazendo história, já que o ator principal da cena – a ave – está ausente? Que os símios de Russell fossem virtuosos monogâmicos ou perversos depravados nos faz compreender, talvez, acerca da relação entre o homem que os observa e a moral vitoriana – ou seu desaparecimento – mas não nos diz praticamente nada da relação deste mesmo homem com o símio que ele observa nem tampouco do próprio símio. Se quisermos pensar a história do *cratéropes* à luz da questão russelliana para saber como as expectativas de Zahavi impõem sua história à da ave, nós devemos ir ao campo onde se cria esta história e devemos tentar, seguindo o dedo que designa o

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os cratérope écailles. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Redes: Pesquisar *com* o outro.

cratérope, identificar os momentos privilegiados do processo onde esta prática cria seu objeto e o coloca no discurso.

Mas o antropólogo enviado ao campo se encontra rapidamente confrontado com um problema insolúvel e inesperado. Eis que também ele se faz vítima da ilusão: ele vê os cratérope dançarem. E o pássaro se torna, para ele também, um pássaro mágico. Ele se pretende "outro", o que estabelece seu status no campo; mas, eis que assim ele se vê menos outro do que os seus outros!

Deveríamos, então, pensar que o antropólogo estava enganado quanto à questão ou quanto ao processo? Isto quer dizer então que, de um lado, o epistemólogo de gabinete pode *somente* se limitar à denúncia – Zahavi exige que o pássaro lhe conte a história do kibutz, o fracasso da seleção de grupo, mesmo a história da fronteira Israel-Jordânia – e, de outro lado, que o antropólogo em campo pode *somente* descrever uma realidade que impõe seus constrangimentos ao discurso?

O psicólogo americano Rosenthal (1966) já havia tentado elaborar as condições para uma crítica da prática científica construindo um dispositivo experimental que lhe permitisse pôr em evidência o fenômeno da expectativa do observador sobre os resultados de uma pesquisa. Este experimento deveria mostrar a que ponto as histórias que contamos escapam ao controle da realidade para responder às nossas crenças. O dispositivo é simples: trata-se de pedir aos pesquisadores de seu laboratório (estudantes, doutorandos) para testar, através de um labirinto, os descendentes dos ratos que Tryon, da Universidade de Berkeley, havia selecionado com base nos resultados de suas pesquisas sobre a hereditariedade da inteligência, realizada cerca de trinta anos antes. Os prestigiosos ratos de Berkeley são, então, distribuídos aos alunos, que são convidados a verificar se os descendentes dos *brilhantes* (restringidos após gerações a se acasalarem somente com a casta superior dos ratos intelectuais) ainda o são, e se os descendentes de *estúpidos* (restringidos, inversamente, a mistura de sua bagagem genética com outros tão incompetentes quanto eles) o são tanto quanto seus ancestrais. Os estudantes testaram os ratos e confirmaram os efeitos da seleção uma vez que os brilhantes obtiveram melhores resultados no teste que os estúpidos.

Evidentemente, suspeita-se que o dispositivo de Rosenthal previa uma distribuição de ratos totalmente "neutra", comprados ao acaso, sem apresentarem qualquer relação de parentesco com aqueles testados por Tryon. Em outras palavras, os alunos haviam lidado com ratos em resultados aleatórios *a priori*. Essa experiência havia sido

destinada simplesmente a mostrar a eficácia da predição autorrealizável, já que o aluno obtém os resultados que espera. Para estabelecer um paralelo com o nosso problema, podemos imaginar que um antropólogo de laboratório acompanha esta experiência e pode identificar os momentos do dispositivo nos quais se desenha, praticamente, a maneira pela qual os resultados são construídos. Por exemplo, o antropólogo teria podido observar uma das hipóteses de Rosenthal: relações de simpatia se instauram entre o aluno e o rato designado inteligente; relações de simpatia que, por sua vez, afetam o estado emocional do rato. Por sua vez, este estado emocional favorece a boa performance. Ou ainda, nosso antropólogo teria podido verificar a maneira pela qual os dados são coletados e como certos dados inesperados são atribuídos ao acaso, ao erro ou à inabilidade do aluno e deixados de lado. Ora, o que aparece quando vamos a campo para coletar este tipo de dados, ou seja, para coletar momentos onde a ideologia ou as expectativas constroem um objeto, é que só podemos constatar a impotência do pesquisador: nada mais aparece. Rosenthal reconhece isto afirmando que não podemos saber ao certo o que foi trabalhado. O antropólogo Rosenthal se encontra, portanto, tão impotente quanto o antropólogo de Zahavi e seu cratérope. Porém, a análise das condições da experiência permite lançar luzes sobre este fracasso e nos guia para a retomada da questão acerca da crítica construtiva. Ao analisar a experiência de Milgram, Isabelle Stengers (1993) apresenta de forma arguta a questão daquilo que Milgram, em nome da ciência, conseguiu mostrar: os "voluntários" eram carrascos que ignoravam tal condição ou que a ciência era capaz de formular dispositivos produtores de existência? A experiência de Rosenthal coloca o mesmo problema, e talvez de maneira ainda mais intensa, pois ela multiplica os níveis de produção da existência, ao mesmo tempo em que ela faz proliferar os objetos que se tornam sujeitos do experimento. E é assim que ela esclarece verdadeiramente que ela não pode nos ensinar nada sobre a maneira como jogam as expectativas, que ela deixa "aquilo que verdadeiramente ocorreu" nas neblinas do indecível. O que aconteceu permanece ainda nas neblinas do indecível porque a experiência embaraça um dispositivo que Rosenthal acredita controlar e um dispositivo do qual ele não é consciente. Pretendendo "revelar" que os seus alunos "criam" uma pseudo-realidade (os ratos inteligentes/ídiotas), Rosenthal falha na reflexividade necessária para sua análise. **O que fez ele próprio senão colocar seus alunos na mesma situação em relação à sua própria expectativa,**

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Redes: Pesquisar *com* o outro.

assim como eles fizeram com os ratos em relação às suas expectativas⁴? É colocar-se neste espelho que torna o processo totalmente indecível e que nos impede de conhecer o que vai valer: a história contada ao rato pelo aluno, a história contada por Rosenthal ao seu aluno – e inversamente, a história contada pelo rato sensível às expectativas do aluno e a história contada pelo aluno sensível às expectativas de Rosenthal para com este. Rosenthal, colocando-se na posição da ironia, não conseguia apreender o humor da situação: ele foi enganado por seu dispositivo assim como ele acreditava que os alunos o foram. Se voltarmos à metáfora do início, segundo a qual o antropólogo critica seguindo o dedo do etólogo (ou aquele do aluno que faz seu rato correr), podemos tomar emprestado de Bruno Latour (1996, p. 77) um provérbio chinês que se aplica perfeitamente à atitude denunciatória da crítica: *quando o sábio mostra a lua, os imbecis olham o dedo*. Rosenthal nos parece, e sempre nos termos de Latour, ao descrever a atitude crítica, como um fetichista se anunciando como um anti-fetichista: *ele se engana sobre a origem da força*. Como anti-fetichista, ele fabrica um dispositivo com a ideia de denunciar, no dispositivo, como tantos fetichistas, os alunos (e os cientistas que são supostamente representados, que fornecem o papel), quando estes atribuem o trabalho e a força aos seus ratos. Mas ele permanece fetichista já que atribui, ao seu aluno o trabalho, a força do dispositivo que ele acaba de criar. A indecibilidade aparece ainda melhor se compararmos a nossa situação àquela dos africanos descrita por Latour, quando diante do colonizador português, são convocados por este último a escolher entre a afirmação segundo a qual eles teriam construído seus fetiches e a afirmação incompatível, aos olhos do português, de que seus ídolos são verdadeiras divindades. De acordo com essa comparação, seríamos forçados a escolher entre uma interpretação construtivista (os alunos construíram um artefato) e uma interpretação realista (os ratos se tornaram inteligentes – ou pouco competentes – na verdadeira realidade), e nós poderíamos apenas repetir: os ratos são artefatos, eles são os produtos do dispositivo constituído das expectativas dos alunos e, ao

mesmo tempo, os ratos adquiriram competências⁵. A indecibilidade se repete em outro nível, aquele que reflete a relação que une os alunos, Rosenthal e o dispositivo do engano, uma vez que o aluno é para Rosenthal o mesmo que o rato é para o aluno: **ele responde às expectativas daquele que lhe propôs a situação**.

Esse caráter absolutamente indecível das relações complexas entre os cientistas e seus objetos-sujeitos nos leva a considerar como inevitável o fracasso das tentativas epistemológicas que ambicionam separar aquilo que, das histórias do etologista e da realidade verdadeira do pássaro – do rato, do macaco –, imprime ao outro seu sentido. Essa epistemologia, se ela pode tratar do discurso e das suas ligações com o contexto, encontra seu limite no fato de que sempre lhe falta a ligação ontológica mais essencial: a ligação do discurso com o *objeto* do qual trata o discurso – este último tem sido substituído pelo *sujeito* do discurso, o qual ocupa todo o espaço. Tomemos um exemplo simples, tornado clássico na história da etologia: a zoologia do príncipe anarquista Pierre Alexandre Kropotkine. Em seu livro, *l'Entr'aide, un facteur de l'évolution* [A ajuda mútua, um fator da evolução] (1903), Kropotkine compartilha conosco seu espanto por não encontrar, durante seus passeios, qualquer um dos fenômenos de concorrência e de competição relatados por Darwin. Os animais, ele diz, são muito mais solidários que aqueles que o conceito de concorrência vital ou de luta pela sobrevivência deixa entender. Por exemplo, os problemas de superpopulação face aos recursos são geralmente resolvidos por outros modos que não o combate: assim, a migração de uma parte do grupo é frequentemente adotada, por exemplo entre os castores, e esta estratégia constitui exatamente um fator de evolução. Os epistemólogos (por exemplo, La Vergata, 1992) que se interessam por Kropotkine nos mostram como seu “complexo discursivo” pode ser analisado como um discurso que criou afinidades eletivas com um sistema sócio-político particular, no caso, uma utopia. Ou um zoólogo, Toddes⁶, faz uma observação bastante pertinente e esclarecedora: as observações de Kropotkine não são o puro produto de suas expectativas a respeito do campo. Elas não são organizadas para contar a história que Kropotkine lhes impôs. O campo com o qual ele lida não é um campo darwiniano: as estepes descritas estão cheias

⁴ O que fica claro quando Rosenthal diz que a experiência não é contaminada pelos efeitos de poder, pois, diz ele, o destino dos alunos em nada é afetado pelos resultados da pesquisa. Porém isso não é somente uma relação de poder com a qual temos de lidar, mas uma relação de autoridade no sentido batesoniano do termo: dizemos que uma pessoa está sob a autoridade de outra, quando ela faz tudo que está sob seu poder para tornar verdadeiro o discurso da pessoa em posição de autoridade.

⁵ Ao analisar o experimento paralelo realizado por Rosenthal com os instrutores, percebemos a que ponto chega o dispositivo que produz a existência da realidade verdadeira e autônoma, já que, ninguém vai negar, crianças “eleitas” realmente aprendem melhor.

⁶ Citado por Stephen Gay Gould (1993)

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Reddes: Pesquisar *com* o outro.

de possibilidades no que diz respeito à densidade populacional. A concorrência ali ganha formas muito diferentes e as soluções consideradas por aqueles que a vivem podem ser, portanto, soluções originais em relação às soluções que imprimiram suas histórias nos esquemas de Darwin. Assim, o que nos é dito, é que, se o olhar do observador imprime uma história no campo, essa história foi primeiramente contada pelo campo. Aqui, adotei um ponto de vista cronológico contrário ao ponto de vista construtivista convencional. Mas esse ponto de vista inverso do construtivismo não satisfaz ainda a complexidade das relações com as quais temos que lidar. O que se situa nessa relação entre Kropotkine e sua história, no encontro das histórias das estepes da Sibéria e das histórias de um príncipe zoólogo e anarquista, é o que poderíamos chamar de um espaço de equilíbrio. Ele nos situa no cerne mesmo da relação, no espaço do indecível, e esta situação nos convida à perplexidade e ao humor. Esse espaço, que é um espaço epistemológico e ético, me obriga sempre a falar do outro quando eu falo de um, e me propõe como exigência situar-me a meio caminho do encontro entre o dedo e a lua. Eu me coloco diante de um encontro entre duas histórias que “caminham bem juntas” – na medida em que, de seu encontro, vai se criar uma articulação nova – e meu trabalho consiste em criar esse espaço de equilíbrio que me permite – ou que exige – que eu dê conta desse encontro⁷. Bruno Latour⁸ designa o evento, que se situa nesse campo epistemológico e geográfico que eu chamo de espaço de equilíbrio, pelo termo *de ocasião*, no sentido do *kairos*, de ocasião que faz o ladrão, da solução de expediente que não pode jamais assegurar a estabilidade, mas também a ocasião do acontecimento, que articula dois fenômenos, fazendo disso alguma coisa singular, nova, que vai nos ensinar mais acerca daquilo que temos a dizer.

Assim, eu não podia mais decidir qual dos dois, Zahavi ou o cratélope, havia dominado o outro. Zahavi mudou suas questões porque ele se viu confrontado por um pássaro pouco comum. Mas esse pássaro ficaria tão banal quanto um mero

pardal espanhol,⁹ se o olhar de Zahavi não fosse afetado pela relação com esse pássaro e, por conta disso, ele aceitou mudar suas questões. E essas questões não teriam podido mudar, sem dúvida, se ele houvesse estudado os pardais espanhóis. O que teria acontecido se o cratélope não tivesse recebido, como biógrafo e diretor, este figura tão original que é Zahavi?

Podemos esboçar algumas linhas a respeito, pois esse espaço de equilíbrio merece ser multiplicado, se abrindo ao encontro de outras histórias. Jon, o zoólogo de Oxford, também chegou a observar os cratéropes e nos fornece uma boa ocasião. Essa oportunidade, para mim, será a de restabelecer um equilíbrio que eu respeitei pouco quando descrevi pela primeira vez a prática de Jon.

Eu acompanhei Jon inúmeras vezes no campo e tentei me familiarizar com seu cratélope. Jon vem de Cambridge e nos oferece um excelente modelo de cientista portador do ideal das ciências teórico-experimentais, introduzindo a natureza em processo e criando dispositivos manipulatórios, iscas para eliminar as ficções alternativas que pretendem erroneamente explicar o real. Um dia, estávamos sentados perto de uma árvore na qual havia um ninho e filhotes. Um assistente da pesquisa se aproximou do ninho, entrou na mata e emitiu o silvo característico da oferta de alimento, mas ao que me pareceu, sem nada oferecer. A hipótese do “falso sinal” de aporte de alimento foi, de início, interpretada por Jon como uma manobra “antiblefe”. Podemos relacionar essa hipótese ao modelo teórico geral – a muito oxfordiana corrida armamentista¹⁰ – que constitui o quadro de leituras de suas hipóteses e mostrar que esse enunciado podia depender em grande medida desse quadro. Podemos também, como eu havia feito um pouco rapidamente em minhas primeiras análises, mostrar que Jon pratica um comportamento atributivo: com efeito, o que faz o pássaro, na hipótese de Jon? Ele verifica a fome real da ninhada criando uma experiência “teste”. Ele atua sobre uma variável para medir o desvio em relação à norma, ele cria uma armadilha que lhe permite desempatar a duplicidade de causas, ele não se fia nas evidências e faz da ninhada o local da experimentação. Assim,

⁷ Em um espaço de indecidibilidade entre duas questões extremas – cuja articulação por si só é, ao mesmo tempo, pertinente mas produtora de indecidibilidade, de perplexidade: “Kropotkine aprendeu da terra da Sibéria e de seus habitantes a história de sua utopia?”, ou, ao contrário, “A utopia de Kropotkine impôs seu fio narrativo à terra siberiana?”.

⁸ *Primate relativity—reflexions of a fellow-traveller* (notas para um projeto a ser escrito após a Conferência Wenner-gren *Changing Images of Primate societies: the role of theory, method and gender*, Rio, junho de 1996).

⁹ *Spanish sparrows* [pardais espanhóis], que formam uma paisagem alada, barulhenta e indistinta, servem como pano de fundo à cena dos cratéropes.

¹⁰ A corrida armamentista é um modelo explicativo da coevolução da presa e do predador, do mentiroso e do crédulo, do parasita e de seu hospedeiro. Segundo esse modelo, a cada nova estratégia defensiva da presa/do crédulo/do hospedeiro, corresponde uma nova estratégia ofensiva do predador/mentiroso/parasita. E a esta corresponde uma nova estratégia defensiva, etc.

Despret, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao "pensar pelo meio".
Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre_Redes: Pesquisar *com* o outro.

de acordo com essa crítica, Jon, em sua leitura do comportamento do pássaro, cria um “efeito de espelho”, atribuindo-lhe um comportamento idêntico àquele que utiliza habitualmente: ele atribui ao pássaro seu próprio comportamento, seu quadro de pensamento, seu procedimento. A metodologia, então, torna-se, ela também, fonte e modelo de ficções. Mas essa crítica transgride a exigência do espaço de equilíbrio porque denuncia, atribui um comportamento atributivo a Jon sem colocar em questão o outro polo: e se a natureza houvesse lhe ensinado sua poética etológica (sua *poiese* etológica e a poética de seu *ethos*, de seus costumes)? Se ele houvesse seguido escrupulosamente os métodos, quando ela procede, no transcorrer da história do vivente e dos viventes, por ensaios, erros, testes e aprendizagens? Contar a história dessa maneira nos engaja, entretanto, no caminho da perplexidade, no espaço de um equilíbrio, de um indecível e nos convinda a contar o acontecimento de uma ocasião. Contar a história dessa maneira nos faz romper com a tentação da ironia para nos inscrever na tradição das ciências do humor, e nos propõe acabar com a dúvida para reiniciar com a perplexidade. Para explicitar essas diferenças, poderíamos dizer que a dúvida está para a perplexidade como a ironia está para o humor¹¹. A dúvida sendo a atitude geral de rejeição ou de desconstrução de hipóteses, a perplexidade, uma forma de vigilância frente a frente consigo mesma tornando-se indecível. A ironia e o humor oferecem sua dose de humor e de prazer a cada uma dessas atitudes.

Então, olhar para o dedo não é completamente – nem somente – uma dificuldade do idiota. Olhar apenas para ele nada pode nos ensinar e exerceria, concretamente no campo, uma violência tal e um absurdo tão forte que isto anularia toda possibilidade de emergência nesse campo. Mas, além disso, o cratérope, contrariamente à lua, se preocupa por vezes com o dedo que se estende, porque é nas cenas do encontro que esse dedo se liberta. Olhar somente para ele teria evidentemente pouco sentido. Isso seria como ir assistir a uma partida de futebol e tentar compreender as regras focando-se na agitação dos espectadores. Mas observar apenas os jogadores e a bola eclipsando o que lhes rodeia nos permitiria compreender realmente o que cria o futebol: um espetáculo, um momento social etc.? Sem os espectadores isso teria ainda um sentido? Sim, sem dúvida, mas não o mesmo. Trata-se, então, de um outro futebol.

Talvez valha a pena ir um pouco mais longe com a metáfora, porque estamos descrevendo, até aqui, uma rede pouco conectada: poderíamos acrescentar que é na relação entre os torcedores (aqueles que observam) e os jogadores (aqueles que agem) que se situa aquilo que permite compreender o sentido do encontro (no sentido amplo) e eu não estou tão longe de pensar que a bola é projetada igualmente pelos pés dos jogadores e pelos gritos dos espectadores. Mas isso é uma outra história bem diferente, uma vez que, ao contrário do futebol, entre os cratéropes, a ausência de espectadores não os impede de dançar.

Mas o próprio Zahavi, muitos anos após minha passagem por seu campo, proporá uma resposta, uma resposta com a qual me sinto à vontade, pois ela retoma, por caminhos que ignoro, as questões que eu lhe coloquei, há quase 20 anos, e às quais ele jamais me respondeu. Eis o que encontrei em um de seus últimos artigos publicados em *Animal Behaviour*¹² [*Comportamento Animal*], e deixarei a ele a tarefa de concluir: “Eu frequentemente me pergunto, ele escreve, se houvesse vivido em Oxford ou outro centro de pesquisas sociobiológicas, teria desenvolvido essa teoria e suas implicações. A principal desvantagem das teorias dominantes, que são aceitas por todo o mundo ao redor de vocês, é que os observadores de campo têm uma tendência muito marcada de não ver as coisas que não concordam com a teoria. E, mesmo quando a teoria é falsa, o que acredito seja o caso das teorias da seleção parental e da reciprocidade, os pesquisadores de campo tendem a não acreditar que as exceções que observam lhes sugerem que a teoria seja errônea; essas exceções ou não são consignadas, ou, se o são, não são consideradas como importantes na discussão dos dados (...). Estar na periferia apresenta, então, benefícios: se eu fosse dependente de meus colegas para o avanço de minha carreira científica ou de meu *status* social, não teria sido capaz de continuar a desenvolver uma teoria que, durante anos, foi objeto de uma rejeição unânime. Felizmente, eu vivia em um pequeno canto do mundo, e interagía com outros sociobiólogos somente uma vez por ano, em conferências. Em casa, meu *status* social e minha carreira científica estavam assegurados graças completamente ao meu trabalho anterior, e altruísta, de conservação da natureza”.

Recebido: 26/09/2011

Revisado: 03/11/2011

Aceito: 28/11/2011

¹¹ Com essa frase ligo diversos momentos do belíssimo livro de Leon Chertok, Isabelle Stengers e Didier Gille: *Les mémoires d'un hérétique* [As memórias de um herege].

¹² Zahavi, A., 2003. Indirect selection and individual selection in sociobiology: My personal views on theories of social behaviour. *Animal Behaviour*, 65, 859-863